

Orquídeas da Restinga de Massambaba - II

Maria da Penha K. Fagnani*

Carlos Ivan da Silva Siqueira**



Bletia catenulata

Carlos Ivan

ABSTRACT

The Massambaba "restinga" or sand coastal plain is located in the State of Rio de Janeiro, Brazil, comprising the stripe of land between the Araruama Lagoon and the Atlantic Ocean. The floristic survey of *Orchidaceae* in the area revealed 13 genera and 16 species, plus a natural hybrid. Comparative data from herbarium material revealed 15 genera and 24 species. This discrepancy is in part due to the fact that we had a limited period of observation (2 years). The importance of recent data for appraisal of existing species and new occurrences is strongly emphasized by the authors.

A restinga de Massambaba está situada no estado do Rio de Janeiro, compreendendo a faixa de terra que separa a lagoa de Araruama do mar. Nossa área de observação inclui partes de dois municípios: Araruama e Arraial do Cabo, sendo que o método utilizado para o estudo da família *Orchidaceae*, nessa área, foi o de visitas periódicas aos habitats, com identificação das espécies e coletas em casos de dúvida. Não utilizamos, em nossa lista, dados recolhidos de material de herbários. Temos até agora um total de dezesseis espécies e um híbrido natural. Nos gêneros *Habenariae* e *Pleurothallis*, algumas espécies ainda não foram identificadas. São elas:



Neste segundo artigo, em que damos seguimento ao anterior (Fagnani & Siqueira, 1992), ampliamos nossa lista de espécies, fazemos comentários e corrigimos enganos.

ESPÉCIE

Bletia catenulata Ruiz et Pavon
Brassavola perrinii Lindl.
Campylocentrum robustum Cogn.
Campylocentrum selowii Rolfe

FLORAÇÃO

Set.-Dezembro
Março-Abril
Maio
Abril

<i>Catasetum discolor</i> Lindl.	Setembro
<i>Cattleya guttata</i> Lindl.	Fevereiro-Março
<i>Cattleya intermedia</i> Grah.	Setembro-Outubro
<i>Cyrtopodium paranaense</i> Schltr.	Dezembro
<i>Encyclia oncidoides</i> Schltr.	Janeiro
<i>E. denticulata</i> Barb. Rodr.	Março/Setembro
<i>Epidendrum huebneri</i> Schltr.	Março/Setembro
<i>Epidendrum x ormindoi</i> Miranda.	Jan.-Maio
<i>Habenaria parviflora</i> Lindl.	Setembro
<i>Habenaria</i> spp.	
<i>Oncidium ciliatum</i> Lindl.	Março-Abril
<i>Prescottia micrantha</i> Lindl.	Março
<i>Pleurothallis</i> sp.	
<i>Vanilla planifolia</i> Andr.	Abril
<i>Vanilla chamissonis</i> Klotzsch.	Março

A restinga está basicamente constituída por dois cordões arenosos paralelos: o externo (próximo ao mar) e o interno (próximo à lagoa). Entre tais cordões arenosos existe uma depressão úmida, com solo escuro e rico em matéria orgânica, semelhante à turfa, e cuja comunidade vegetal é a de brejo herbáceo. Ali encontramos a *B. catenulata*, com longos pedúnculos que oscilam ao vento, proporcionando uma visão muito bonita daquele campo úmido cheio de flores de cor púrpura. A exposição ao sol é total, mas ocorre que lá existem muitas gramíneas, que formam, com suas folhas altas, uma relativa proteção para esta orquídea. Não temos conhecimento da ocorrência de *B. catenulata*, em nenhum outro local do estado do Rio de Janeiro, a não ser nessa área.

É uma planta de cultivo difícil, no que aliás não foge à regra geral para as orquídeas terrestres. No final da floração, encontramos os frutos em cápsulas já maduras e, ao observar as sementes ao microscópio, notamos duas diferenças em relação às sementes de outras espécies que temos examinado. A primeira é o seu maior volume, que se mostra, por exemplo, sete vezes maior que uma semente de *Cattleya araguaiense* Pabst, a outra particularidade é que sua epiderme apresenta pequenas projeções que parecem facilitar a aderência a outras superfícies, ou mesmo, entre si mesmas, pois quando fizemos semeadura asséptica constatamos que estas sementes não passavam com facilidade na agulha calibre 12, formando com frequência um aglomerado que causava entupimento.

Na pesquisa sobre locais de ocorrência de *B. catenulata*, encontramos: Venezuela, Peru, GO, MT, DF, MG e SP. No Brasil, essa ocorrência se refere à região típica do cerrado na planície central. Nessa região, com altitudes de 500 a 1000m, que os

ventos marítimos não alcançam, a umidade é pouca, com dias quentes e secos e noites frescas, mas existem brejos e alagados que abrigam grande número de orquídeas terrestres.

No estado do Rio de Janeiro, encontramos esta mesma orquídea ao nível do mar, numa região onde a brisa marinha sopra quase constantemente e a variação de temperatura do dia para a noite é comparativamente pequena. É a única espécie da sua subtribo que ocorre no Brasil, impossibilitando, assim, qualquer tentativa de hibridação com outra espécie brasileira.

Dessa mesma comunidade de brejo herbáceo, faz parte a *H. parviflora*, outra orquídea terrestre que encontramos vegetando numa parte alagada do terreno. Ela aparece em muitas regiões do Brasil sempre em brejos ou terrenos úmidos, e suas flores de coloração amarelo-esverdeado, estão entre as menores do gênero. O gênero *Habenaria* é o que representa no Brasil a subfamília Orchidoideae, que inclui o gênero tipo para a família **Orchidaceae**: *Orchis*.

Muito marcante foi nosso encontro com o *C. discolor*, de flores verdes, no município de Arraial do Cabo. Este *Catasetum* faz parte do grupo dos mais primitivos do gênero, pois possui apenas rudimentos de antenas. Encontramos uma pequena população terrestre vegetando numa depressão próxima às dunas, cujo solo, ao exame superficial, parece ser mistura de argila com areia. A área encontra-se periodicamente alagada. Apesar da exposição à mesma luz, recebendo sol o dia todo, era claramente visível o acentuado dimorfismo, sendo as plantas femininas de maior porte, com pedúnculo floral espesso e flores maiores. A diferença era tão acentuada que, ao primeiro olhar, pareciam duas espécies diferentes; no entanto, a planta mais robusta, que só produziu flores femininas no seu habitat, quando em cultivo produziu somente flores masculinas.

Em nosso artigo anterior, a *V. planifolia* era a única que havíamos encontrado em flor, mas, recentemente achamos a *V. chamissonis* com suas flores amarelas, que é descrita como a mais comum nessa região. Os longos caules característicos deste gênero são encontrados nas duas faixas arenosas da restinga. Segundo dados recolhidos de textos pesquisados, a *V. planifolia* foi provavelmente introduzida aqui pelo cultivo e se tornou uma espécie natural, pois é nativa da América Central.

O fruto da *Vanilla* tem reconhecido valor comercial, pois dele, após passar por processo especial, é extraída a vanilina, que é muito usada em todo o mundo como aromatizante em culinária e na indústria

de alimentos. Por ter também valor medicinal, foi empregada no tratamento de dispepsia, anemias e como estimulante.

Da subtribo Cranichidinae, encontramos a *P. micrantha* terrestre, com pedúnculo floral de 30cm, sem folhas. As flores são diminutas, verdes, com labelo em forma de elmo, crescendo no cordão arenoso interno.

Da lista de orquídeas publicada no primeiro trabalho, fazia parte o *Epidendrum latilabre* Lindl. Na verdade, isto foi um engano nosso, sendo o nome correto da espécie terrestre, de flores verdes, *Epidendrum huebneri* Schltr. Essa espécie vegeta na periferia das moitas existentes no cordão arenoso interno, na mesma comunidade vegetal onde ocorre o *E. denticulatum*, ambos com caules bem expostos ao sol.

Em janeiro de 1993, foi publicada na Bradea, por Francisco Miranda, a descrição de um *Epidendrum* híbrido natural entre o *E. huebneri* e o *E. denticulatum*, o qual foi chamado *Epidendrum x ormindoi* Miranda. Trata-se de uma planta com flores muito bonitas que chamam a atenção pela mistura de caracteres dos progenitores. Pessoalmente, nunca encontramos este híbrido florido, mas Hans Frank o encontrou e coletou nessa mesma região, de modo que pudemos ver a planta e fotografá-la.

Comparamos dados por nós obtidos com os que retiramos da análise florística das restingas do estado do

Rio de Janeiro (Araujo & Henriques, 1984), feita com dados de herbários, que revelou, para as áreas que visitamos, 15 gêneros e 24 espécies; sendo que nós encontramos 13 gêneros e 16 espécies. cremos que a desigualdade se deve, em parte, ao fato de não termos conseguido, como em *Habenaria*, identificar mais espécies, devido ao tempo limitado de observação (2 anos). Por outro lado, notamos acima que o *Catasetum discolor* e a *Vanilla planifolia* não estão citados para essa região.

Há alguns meses, passamos a depositar material coletado por nós no herbário da Universidade Santa Úrsula (USU), pois sabemos que coletas recentes permitem atualizar os dados sobre as espécies existentes e assinalar novas ocorrências para determinados locais.

Terminamos este artigo com uma visão cheia de esperança quanto à sobrevivência de nossas espécies, pois apesar de toda a agressão, as orquídeas continuam bem representadas na restinga de Massambaba.

BIBLIOGRAFIA

- ARAÚJO, D. & HENRIQUES, R. 1984. Análise florística das restingas do Estado do Rio de Janeiro. In: Lacerda, L.D. et al. Restingas: origem, estrutura e processos, Niterói, CEUFF, Rio de Janeiro, 477p.
- COGNIAUX, A. Orchidaceae. In: Martius, Flora brasiliensis, vol.3 (parte 4), 1893-1896, Monachii.
- _____. vol.3 (parte 5), 1898-1902, Monachii.
- _____. vol.3 (parte 6), 1904-1906, Monachii.
- CORRÊA, M.P. 1984. Dicionário das plantas úteis do Brasil e das exóticas cultivadas, Rio de Janeiro, I.B.D.F.
- FAGNANI, M.P. & SIQUEIRA, C.I.S. 1992. Orquídeas da restinga de Massambaba. Orquidário, 6 (2): pag.51-54.
- HOEHNE, F.C. 1940. Flora brasílica, São Paulo, vol.12 (1), Departamento de Botânica do Estado.
- _____. 1945. Vol.12 (2), São Paulo. Instituto de Botânica.
- PABST, G.F.J. & DUNGS, F. 1977. Orchidaceae brasiliensis, Alemanha, Brücke-Verlag, Kurt Schmersow.



Epidendrum x ormindoi Miranda

AGRADECIMENTOS, à Profa. Regina Helena P. Andreatta, da Universidade Santa Úrsula, a Francisco Miranda, a Exdras Porto, aos companheiros orquídifilos: Mario Abreu de Almeida, Hans Frank, Benedito Fabiano O. Aguiar e Italo Valente.



Carlos Ivan

* Rua das Palmeiras, n.93, apto. 803. Rio de Janeiro, RJ. CEP 22270-070 ,

** Rua Salinópolis, n.353. Rio de Janeiro, RJ. CEP 22720-000.

Epidendrum denticulatum

Um espaço para evitar desperdício...

Nesta época em que começamos a descobrir que os recursos naturais não são ilimitados e em que se começa a reciclar praticamente tudo, como, ainda, de custos cada vez mais elevados para cada uma das nossas publicações, pareceu-nos inconveniente desperdiçarmos tantos espaços de Orquídeário, que não vinham sendo usados por força das exigências, técnicas e estéticas, de paginação. Entre colocar uma vinheta para ilustrar e embelezar a página ou usar estes espaços com notas curtas e úteis para os nossos leitores, ficamos com esta última utilidade. É mais um espaço onde se transmitirá experiências, notícias e informações condensadas, tudo que valioso para a comunidade orquídifila.

Este espaço, porém, só poderá ser preenchido se os sócios e colaboradores da Orquídeário quiserem, mandando-nos material para publicação. Aqui caberá de tudo: aquela sua descoberta; uma anedota orquídifila; uma pequena história de sua ida a um habitat, como é o seu combate a pragas e doenças, etc., etc....

O espaço é seu. Use-o. Quem vai nos contar, por exemplo, os nomes populares das nossas orquídeas, como, por exemplo, "Chita" que é o apelido de *Oncidium (baueri, harrisonianum, divaricatum...)*, "Chita crespa" (para a Seção Crispa), "Chita miuda" (*O. cornigerum, cruciatum, politanum, pumilum*), "Chita rendada" (*O. forbesii*), ou "Rabo de rato" para *Scuticaria* ou, ainda, "Sumaré" para *Cyrtopodium* e por aí afora? E o por que de certos nomes cultivar para os grandes gêneros, como *Cattleya labiata* do Balde? e do Churrascoe? E a *Laelia purpurata* do Poço?